

TELA URBANA

VITOR JUBINI



Emanuelle, Nicholas e outros amigos grafiteiros transformaram em arte o muro de um edifício residencial em Jardim da Penha, Vitória, que vivia pichado

Grafiteiros mudam a cara das cidades com muita arte e cor

Muros de condomínios, casas, pontes e escolas ganham “vida” nas mãos desses artistas

▄ **TATIANA MOURA**
tmoura@redgazeta.com.br

Lançando mão de muita criatividade, grafiteiros estão dando uma cara nova a muros, casas, escolas e monumentos da Grande Vitória. A ideia é tanto dar uma roupagem divertida à paisagem urbana quanto corrigir a ação de pichadores.

Em Vitória, um muro que recentemente ganhou uma arte foi o do Edifício Residencial Universitário 3, em Jardim da Penha, Vitória. Aproximadamente 15 grafiteiros participaram do trabalho.

A síndica do prédio, Aída de Jesus Ferreira, 52 anos, conta que o muro do prédio estava completamente pichado. Durante uma assembleia do condomínio, uma moradora propôs que fosse feita uma arte em grafite.

“O pessoal achou a ideia estranha, não concordou muito. Tinha gente que não sabia nem como era. Corri atrás de desenhos, dos grafiteiros, e levei para a assembleia de moradores para as pessoas verem”, relatou.

Ela conta que os moradores tiveram que arcar ape-

SELFIE

“Nosso muro virou ponto de selfie, a rua ficou alegre”.

AÍDA FERREIRA
SÍNDICA DE PRÉDIO

nas com as tintas, algo em torno de R\$ 4 mil. “A pintura ficaria em R\$ 15 mil, foi uma economia e tanto, e conseguimos resolver nosso problema. Nosso muro ficou bonito, virou ponto de selfie, a rua ficou alegre. Outras síndicas estão até me ligando para fazer o mesmo nos prédios delas”.

Foram os grafiteiros Felipe Araújo, 33; Emanuelle Monteiro, 24; e Nicholas Marcos Duarte do Nascimento, 22, que se reuniram com amigos para grafitar o muro do Residencial Universitário 3.

“O grafite dá uma nova cor à cidade, que deixa de ser cinza. A arte tem o poder de transportar as pessoas para outros lugares, aliviar o estresse e, para gente que faz, é uma satisfação enorme”, conta Felipe.

PONTE

A Ponte da Passagem,



FERNANDO MADEIRA

De outro Estado

Diego Chaves, de São Paulo, está no Espírito Santo há um mês e já fez cerca de 20 trabalhos, um deles foi grafitar a parede de uma escola em Cariacica.

EDSON CHAGAS - 23/08/2016



Fim ao abandono

O artista AQI Luciano, que coloriu a Ponte da Passagem, em Vitória, explica que o grafite tem como uma de suas características ocupar o abandono.

também na Capital, recentemente ganhou um novo colorido, e foi pelas mãos do artista AQI Luciano. O espaço para a arte tem 180 metros quadrados e foram usadas 350 latas de spray, além de latas de tinta acrílica.

O trabalho foi realizado por meio de um projeto em parceria entre a Prefeitura de Vitória e uma empresa privada. Segundo AQI Luciano, esse é um entre tantos trabalhos que ele têm espalhados pela Grande Vitória. “Não paro nunca, quando não estou na rua pintando, estou no meu ateliê produzindo telas, ou elaborando projetos”.

Em Cariacica, a parede de uma escola também ganhou cara nova por meio do grafite. Trata-se da Escola Estadual Maria de Lourdes Poyares Labuto, em Tabajara. O autor da arte é Diego Chaves, 30, que mora em Barueri, São Paulo, mas sempre que pode vem ao Espírito Santo só para grafitar.

“Foi a convite de um amigo. Os alunos ficaram empolgados porque depois continuei indo lá ensinar grafite para eles. Foi um trabalho que durou três dias e gastei em torno de 110 latas de spray, que a escola me cedeu. O trabalho foi um presente para eles”, contou.

ANÁLISE

“PROPORCIONA NOVA OPÇÃO DE URBANISMO”

Aminthas Loureiro Junior
Especialista em políticas públicas

▄ “Levar essa manifestação cultural para a cidade é extremamente importante, pois proporciona um novo colorido e uma nova opção de urbanismo. À medida em que transformam-se paredes em arte, dá-se vida a algo que até então era inerte e isso com certeza torna mais agradável o trajeto das pessoas. As políticas públicas para a cultura precisam contemplar as novas manifestações culturais. O grafite ainda sofre preconceito, mas está em um caminho muito acelerado para ser reconhecido como uma arte, conforme a sociedade e os órgãos públicos o reconhecem como uma manifestação cultural.”